

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DO CONCEITO DE LIBERDADE A PARTIR DO LIVRO “NA NATUREZA SELVAGEM”

Karine Morato de Goulart*

Flavia de Carvalho Barbosa**

RESUMO

Este estudo origina-se a partir de uma análise do livro “Na Natureza Selvagem” na concepção fenomenológica existencial do conceito de liberdade Sartreana e parte da problemática: “Quais reflexões existenciais que o livro “Na Natureza Selvagem” provoca no sentido da compreensão do modo como o homem moderno lida com a liberdade?” Almeja-se alcançar o objetivo principal de refletir sobre como o homem moderno lida com a liberdade, bem como os objetivos específicos: Estudar sobre a temática de liberdade na perspectiva existencial de Sartre; diferenciar a concepção de liberdade do senso comum e do existencialismo e contextualizar sobre o homem moderno utilizando Christopher McCandless como exemplo. A metodologia utilizada é uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, através de método fenomenológico, utilizando Christopher como objeto de estudo. Para análise e coleta de dados, é utilizada uma análise de discurso crítica sobre o respectivo assunto, bem como uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico. De acordo com os resultados deste artigo é perceptível como a visão de Sartre sobre ser livre, mesmo frente a limitações externas e usufruindo da liberdade de forma responsável condiz com a realidade do homem moderno.

Palavras-chave: Existencialismo, Sartre, Liberdade, Homem moderno, Christopher McCandless.

ABSTRACT

This study originated from an analysis of the book “Na Natureza Selvagem”, which describes existential phenomena of the concept of Sartrean freedom and part of the problematic: “What existential reflexes that the book “Na Natureza Selvagem” causes without meaning in the way of understanding the way how does modern man deal with freedom?” It aims to achieve the main objective of reflecting on how modern man deals with freedom, as well as the following objectives: To study the theme of freedom in Sartre's existential perspective; differentiate between the concept of common sense freedom and existentialism and contextualize modern man using Christopher McCandless as an example. The methodology used is a descriptive research, qualitative in nature, through the phenomenological method, using Christopher as the object of study. For analysis and data collection, a critical discourse analysis on the subject is used, as well as a bibliographic research for theoretical foundation. According to the results of this article, it is noticeable as Sartre's view to be free, even in the face of external restrictions and responsible use of freedom responsible for the reality of modern man.

Key words: Existentialism, Sartre, Freedom, Modern Man, Christopher McCandless.

*Graduanda em Psicologia na FCV-Faculdade Ciências da Vida. E-mail: *Karine_goulart@hotmail.com*

** Mestre em Administração Pública, com ênfase em Gestão de Políticas Sociais, Graduada em Psicologia e docente da Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: *flacaba@gmail.com*.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de liberdade que possuímos atualmente, ligado à ideia de um senso comum, foi construído através de uma perspectiva histórica, passando pelo Iluminismo e por revoluções que construíram a sociedade como a conhecemos, definindo assim, o ideal de liberdade que temos atualmente.

O movimento liberal foi construído em um demorado processo, mas podemos definir dois momentos como marcantes para o mesmo. Primeiramente com a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, em 1776 e posteriormente com a revolução francesa de 1789, que fixam a noção de liberdade e igualdade e compõe a base das democracias liberais. Por meio da luta contra o absolutismo e a instabilidade da monarquia, se mostrou necessário uma mudança estrutural em todos os aspectos do tecido social, onde a vontade absoluta do rei daria lugar a um sistema baseado em leis e regras, tendo como estopim a participação popular através de um processo democrático.

A filosofia Iluminista foi de extrema importância para o desenvolvimento do pensamento liberal, constituindo a ideia de que para ser livre, é de suma importância conhecer os direitos dos homens, para que desta maneira, seja possível, defendê-los. Os ideais da democracia advêm de homens que adquiriam noção sobre sua liberdade, enquanto sujeitos comuns, que tem o direito de ter seus próprios interesses, seres autônomos, mesmo vivendo em um governo com leis. Após todo esse processo disruptivo, emerge uma nova sociedade, no século XIX, que com o avanço da revolução industrial e com a consolidação do pensamento liberal na economia, passa a ter um alcance mundial e se consolida como predominante nas sociedades ocidentais. (MATTOS *et al.*, 2012).

Após todas essas alterações e evoluções, o conceito de liberdade presente na sociedade contemporânea, acabou cruzando um processo onde foi diluído e ressignificado, passando a focar na mais-valia do individualismo. Essa perspectiva trabalha a liberdade de modo mais privado, relacionada apenas as opções e vontades individuais do sujeito, rompendo assim uma ideia mais politizada sobre essa temática, que vem desse desenvolvimento histórico ligado ao Iluminismo e as revoluções. Quando se fala em liberdade na atualidade, o sujeito logo vincula em fazer o que se tem vontade, sem que haja impedimentos externos, como qualquer forma de controle social ou do estado. Por conseguinte, passa a valer uma ideia onde cada indivíduo deve se apropriar da responsabilidade sobre sua própria liberdade, saindo do contexto coletivo e se focando no

âmbito individual. Nessa perspectiva de despolitização, acabamos por entrar em um processo onde o sujeito se abdica da responsabilidade em questões políticas sobre essa temática, transfere essa responsabilidade para os políticos eleitos e prioriza ir buscar seus ideais, sua felicidade e suas realizações individuais.

O tema “Uma análise fenomenológica existencial do conceito de liberdade a partir do livro Na natureza selvagem” busca trazer reflexões sobre a liberdade do homem moderno em uma visão fenomenológica existencial de forma inovadora utilizando o personagem principal, Christopher McCandless, do livro “Na natureza selvagem”, escrito pelo autor Jon Krakauer e lançado em 1996 como exemplo deste homem moderno.

A história deste jovem estadunidense ficou mundialmente famosa após a repercussão da notícia de seu falecimento. Pessoas do mundo inteiro estavam tentando entender o que levou Christopher a fazer uma drástica ruptura com sua antiga vida, para se aventurar pelas estradas durante dois anos e encerrar essa busca de maneira trágica. Assim, diante da história de vida deste rapaz, que conduz uma inquietude sobre problemáticas existenciais, esta pesquisa parte da seguinte problemática “Quais reflexões existenciais que o livro Na Natureza Selvagem instiga no sentido da compreensão do modo como o homem moderno lida com a liberdade?” Na tentativa de responder a esta questão, foram formulados três pressupostos. O primeiro supõe que para uma vida autêntica não é preciso romper/abandonar com sua história de vida. O segundo considera que padrões impostos pela sociedade contribuem em modos de ser inautêntico do indivíduo. Por fim, o terceiro pressuposto suspeita que a liberdade seja um meio significativo para encontrar um sentido mais verdadeiro para o seu existir.

Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre o homem moderno e sua liberdade sobre a perspectiva fenomenológica existencial. Os objetivos específicos: Estudar sobre a temática de liberdade na perspectiva existencial de Sartre; diferenciar a concepção de liberdade do senso comum e do existencialismo e contextualizar sobre o homem moderno utilizando Christopher McCandless como exemplo. A metodologia utilizada é uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, através de método fenomenológico, utilizando o Christopher McCandless como objeto de estudo. Para análise e coleta de dados, será utilizada uma análise de discurso crítica sobre o respectivo assunto, bem como uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico.

A elaboração desta pesquisa justifica-se para além do interesse da autora pela temática, bem como do que grandes autores da corrente existencial já escreveram sobre a liberdade. Faz-se pertinente, pois poderá auxiliar o psicólogo a compreender melhor em uma perspectiva fenomenológica existencial como o homem tem procurado formas de lidar com a

existência de maneira crescentemente inautêntica, escolhendo renunciar da responsabilidade de si e transferindo-a por muitas vezes a outrem, seja o governo, as religiões, leis, outras pessoas, ou quaisquer outras forças opressivas da conformidade que tentam encaixar indivíduos em grupos sociais diluindo sua singularidade e seu livre arbítrio. Conhecendo melhor estes aspectos do homem moderno, o psicólogo pode construir melhores intervenções clínicas, minimizando a ocorrência de, por exemplo, um vazio existencial, um afastamento e um não reconhecimento de si, que podem ter impacto direto na sua saúde mental e nos modos de ser no mundo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HOMEM MODERNO

Em seu texto, a Professora Ana Feijoo (2013) utiliza discussões de Heidegger acerca do momento histórico que vivenciamos denominado pelo mesmo de "Era Da Técnica", para assim explicar sobre as crises existenciais do homem moderno. Dentro do pensamento Heideggeriano, podemos considerar essa como uma Era apropriativa, que acaba desapropriando a existência do seu caráter histórico, transformando assim a existência e a atribuindo em um caráter atemporal. À vista disso, o homem moderno pode imaginar ter o controle sobre tudo ou de que vive afundado na novidade por que somos sujeitos proativos, porém o que realmente acontece é que o sujeito tem uma automatização da sua subjetividade, dando lugar a subjetividade técnica que não possui nenhuma necessidade de vinculação humana, passa a determinar tudo que é, resultando assim na desapropriação do homem moderno de sua própria existência. Assim, muitas vezes o homem moderno não reconhece nem mesmo suas próprias necessidades.

Na sociedade moderna, se pensa que nada pode tirar o controle que temos sobre nós mesmos e que nossa existência nunca será ameaçada por nada, porém o homem que existe de forma automática é determinado pela "Era Da Técnica", ou seja, pelo mundo que nunca para, que está sempre em movimento. As crises existenciais são acometidas pela automatização da existência, mesmo que o homem possua livre arbítrio e seja autônomo, o sujeito autômato está sob a regência deste mundo incansável e robotizado. (FEIJOO, 2013).

As crises existenciais trazem sentimentos que Heidegger chama de tonalidades afetivas fundamentais, que são angústia êxtase, terror, pudor, horror, admiração, e tédio. Essas crises por vezes podem parecer algo negativo, afinal o homem contemporâneo busca escapar de tais sentimentos, na ilusão ou nas formas deterministas do existir, modos de desenhar seu estar-no-mundo, porém na verdade para este autor, encarar tais sentimentos, pode ser a salvação. Passar por esses sentimentos, pode levar ao encontro de possibilidades e tais tonalidades afetivas levam diretamente a nadificação, onde surge a possibilidade de singularidade. As tonalidades afetivas fazem romper com o mundo fático, desvelando horizontes, novas perspectivas, a possibilidade de ir ao encontro da subjetividade. (FEIJOO, 2013).

2.2 A HISTÓRIA SOBRE CHRISTOPHER MCCLANDLESS

O livro “Na natureza selvagem” escrito pelo autor norte-americano Jon Krakauer, em 1996, conta a história não fictícia de um jovem aventureiro de 22 anos, chamado Christopher McCandless, rapaz que era muito inteligente e possuía concepções acerca da sociedade um tanto distintas das convencionais, leitor de pensadores como Thoreau, Jack London e Tolstói, era contra o materialismo excessivo que advém do capitalismo, contra as leis, o Governo e ao modo de vida contemporâneo. (KRAKAUER, 1998).

Vinha de uma família de classe média alta, onde existiam oito filhos, sendo apenas Carine a irmã caçula de quem o jovem era muito próximo, os outros eram meios-irmãos vindos do primeiro casamento de Walt, seu pai. Christopher tinha descoberto em uma viagem a sua antiga cidade que seu pai Walt havia traído sua primeira esposa, com sua mãe Billie e por um tempo manteve relação com as duas famílias concomitantemente, Christopher que carregava um valor moral muito grande, acabou guardando uma mágoa significativa por seu pai e seguiu acreditando que a partir desta descoberta, tudo que havia vivido era uma mentira. (KRAKAUER, 1998).

Graduou-se na faculdade de Emory, no curso de História, sendo um aluno excepcional, principalmente em matérias como história, sociologia e antropologia. Christopher após sua formatura na faculdade resolveu abandonar seu futuro promissor e estava determinado a se desvincular de regras, leis, formas de manipulação em massa, assim

como conflitos familiares existentes desde sua infância. Nesta situação, doou suas economias para a caridade e abandonou seu carro, queimou um punhado de dólares e partiu para o encontro com a estrada, sem destino, sem contato com seus amigos e familiares, para então viver longe de tudo que lhe roubava de si, visando finalizar sua grande saga existencial. Como simbologia a essa ruptura com sua antiga vida, resolveu adotar um pseudônimo e passou a se chamar como Alexander Supertramp. (KRAKAUER, 1998).

Por dois anos ele viveu da forma como sempre quis, viajou por diversas cidades, chegando até ir ao México, se aventurou descendo corredeiras e remando em alto mar com uma canoa, ficou dias em uma caverna em uma praia no Novo México, teve empregos temporários em alguns lugares, pegou carona por várias estradas dos Estados Unidos da América e fez vários amigos por onde andou. Amigos esses, que fazia questão de manter contato através de cartas durante toda sua aventura, diferentemente de sua família, pois a partir do momento que iniciou seu projeto, nunca mais teve qualquer contato. (KRAKAUER, 1998).

McCandless parte em direção ao Alaska para finalizar sua busca por um existir mais real e autêntico, ele almejava viver por um tempo isolado do mundo contemporâneo, na natureza selvagem, de forma simples, buscando caçar seu próprio alimento ou colhê-lo. Em 28 de Abril de 1992 o rapaz adentrou em uma rota chamada Stampede Trail (trilha do Estouro da Boiada), que ficava perto de uma cidade chamada Healy, depois de alguns quilômetros e de passar um rio congelado, ele encontrou um ônibus abandonado que caçadores utilizavam para acampar em épocas favoráveis para caça e resolveu ficar ali por um tempo. (KRAKAUER, 1998).

Vivendo à sua maneira durante 67 dias na odisseia Alasquiana, Christopher resolveu que era hora de voltar, tentou regredir, porém o rio que havia passado na época do inverno aumentou muito de tamanho, pois as águas descongelaram, resultando assim em um rio largo e com muita correnteza, se deparando com impossibilidade de atravessá-lo o rapaz retorna para o "ônibus mágico" como ele mesmo intitulou. (KRAKAUER, 1998).

No final de julho de 1992 a caça estava difícil e Christopher McCandless estava utilizando um livro sobre botânica e plantas comestíveis que já havia usado em outras oportunidades como guia para se alimentar, porém acidentalmente comeu sementes venenosas e entrou em absoluta fraqueza por volta do dia 30 de julho como registra em seu diário. O jovem que mal conseguia andar direito, perdeu vários quilos e se encontrara em estado crítico, acabou falecendo por inanição provavelmente no dia 18 de Agosto de 1992. Seu corpo foi encontrado por caçadores que passavam por aquele local, duas semanas depois de sua morte,

com seu corpo fora encontrado seus livros, onde fizera as anotações do seu diário que foram utilizados para a reconstrução de sua história e alguns poucos pertences. (KRAKAUER, 1998).

2.3 LIBERDADE NA PERSPECTIVA EXISTENCIAL “SARTREANA”

Em sua obra, Sartre trabalha a relação entre essência e existência nas pessoas e como estas se diferenciam das coisas do mundo. A liberdade do homem existe antes da essência e é através da liberdade que se encontra a possibilidade do homem de encontrar sua essência. Pode-se dizer que não existe dissemelhança entre o ser do homem e o ser livre, uma vez que não se pode diferencia-los. (SARTRE, 1970).

O autor na obra “O Ser e o Nada”, trabalha a liberdade de maneira indispensável, trazendo uma subdivisão com o título “A liberdade é a condição principal do agir”, ou seja, para Sartre é o ato que diz sobre seus fins e móveis, e o ato é a expressão de ser livre. (SARTRE, 1998; SILVA, 2013).

Do ponto de vista do Existencialismo elaborado por autores ateus, o homem está desamparado, pois vem da perspectiva onde não existe um Deus, com determinações para designar como se deve viver e quais escolhas se deve fazer. Não se pode esquivar da sua responsabilidade sobre si mesmo, afirmando qualquer coisa sobre a natureza humana, pois o homem é livre e sua essência não é preestabelecida. Desta forma, não existe determinismo, ordens ou valores para servir como álibi sobre nossas condutas. O homem foi lançado ao mundo, não criando a si mesmo, obtendo sua liberdade como condenação, para ser responsável por todas as suas condutas. (SARTRE, 1970).

A liberdade é utilizada pelo homem na decisão sobre o que se planeja ser, conforme o homem vai escolhendo e tomando decisões, concomitantemente seus valores vão sendo criados. Sartre afirma que se o sujeito tenta se esquivar de uma escolha, já configura este ato de fuga como escolher. Neste aspecto Sartre enfatiza que o homem está fadado à liberdade, nos dizendo que é possível fazer uma escolha num sentido, mas o que é impossível é deixar de escolher. (SARTRE, 1973; SILVA, 2013).

Em seu texto, Sartre aborda a liberdade adjunta da responsabilidade, onde o homem não é responsável exclusivamente por sua própria liberdade, mas é também sobre o mundo e sobre ele mesmo. Cada indivíduo tem responsabilidade sobre o que acontece no mundo. Em

sua escrita, Sartre contextualiza sobre a perspectiva de que a liberdade de um sujeito tem impacto em outro sujeito e reciprocamente. Quando a pessoa opta por escolher a si mesma, ela está escolhendo todos os outros seres humanos também. Assim sendo, nossa responsabilidade está num nível muito maior do que conseguimos supor, afinal ela reflete na humanidade como um todo. (SARTRE, 1998).

2.4 AS FORMAS DE INAUTENTICIDADE PARA SARTRE

O conceito de inautenticidade funciona como um contraponto à ação de moralidade, sendo o modo mais impessoal em que o homem objetiva sua existência de maneira anônima, dessa maneira ele vive de forma a não ser o responsável por suas ações, se abdicando de ser o autor da sua própria história. Sartre em sua obra trabalha de três maneiras diferentes a inautenticidade, sendo a primeira delas a falta de reconhecimento da dualidade entre ser-para-nós e ser-para-outro, a segunda diz sobre estar-no-mundo e estar-no-meio-do-mundo e a terceira decorre do não reconhecimento de nossa ambiguidade como ser-em-si-para-si com o ser para-si. (GONÇALVES JR, 2005).

Sartre avalia de modo fenomenológico o encontro da consciência do eu (para-si) e da consciência do outro (para-outro), que conseqüentemente acaba gerando o “Nós”. No momento em que nos deparamos com o outro, o eu aparece como sujeito e também como objeto e através dessa intersubjetividade, causa a experiência propriamente dita do “Nós”. Essas são questões vividas apenas na relação com os outros, fazendo que tanto eu como o outro sejamos modificados por essa experiência. O que antes era apenas um foco sobre as minhas possibilidades de uma relação com outro, passa para uma alienação das minhas possibilidades enquanto ser singular, afinal o outro também tem suas possibilidades e estamos em uma vivência do “Nós” juntos. Quando adentramos o “Nós-objeto”, estamos fazendo parte de uma massa homogênea, podendo falsificar seu destino. O sujeito que abre mão do “Para-si”, ou seja, da sua própria consciência, acaba por se tornar infiel a possibilidade de uma existência autêntica. (SARTRE, 1976; GONÇALVES JR, 2005).

Entrando na segunda forma de inautenticidade nos deparamos com o conceito de “Ser-no-meio-mundo”, que para Sartre, é viver de modo passivo, como objeto entre outros objetos, ou seja, algo sem consciência, que se define apenas na sua forma física. Para o autor, é estar de maneira inerte, abdicando das suas decisões enquanto ser que decide seus caminhos

em meio às possibilidades existentes, negando assim sua própria liberdade e vivendo de uma maneira inautêntica. Já o “Ser-no-mundo” utiliza sua consciência para ir ao encontro de suas próprias possibilidades, de modo que faça com que exista um mundo para assim se lançar para além do mesmo, em busca de seus ideais. O significado de “Ser-no-mundo” para o Existencialismo diz da interpretação do Eu nas relações com os outros e com o mundo. Portanto, somos seres de relações o tempo todo, daí advém nossas responsabilidades para com o Eu, com os Outros e com o Mundo. (SARTRE, 1976).

A última forma de inautenticidade para Sartre é não reconhecer a nossa ambiguidade como “Ser-em-si-para-si” com o ser “Para-si”. Para explicar melhor, podemos definir que o sujeito que vai ao encontro de suas possibilidades almeja ter o mundo, quer compreender o mundo como um todo, sendo isso o que falta para este indivíduo para tornar-se um ser “Em-si-para-si.” O objetivo primordial do “Em-si-para-si” é se tornar um ser completo, que mantém a consciência absoluta de si e do mundo, parecido com a ideia que se tem de Deus. É envolver-se a uma totalidade, construída pela fusão entre o “Para-si”, sendo a consciência do sujeito enquanto totalidade vazia, ou seja, não pode ser definida, e o mundo, que seria o “Em-si”, que é o concreto. Dessa maneira, pode-se definir as relações do ser e do ter, ao modo que o desejo de ser, tende de forma direta ao “Para-si” e pretende conferir-lhe a dignidade de “Em-si-Para-si”. Os dois desejos, de ter e ser, são inseparáveis na realidade, resultando por vezes no não reconhecimento dessa ambiguidade e respectivamente em uma forma inautêntica de vida. (SARTRE, 1976; BERVIQUE *et al.*, 2008).

3 METODOLOGIA

Dentre os vários meios de produção acadêmicos existentes, este trabalho busca realizar um estudo descritivo, com características de cunho qualitativo, objetivando o estudo de caso do jovem Christopher McCandless que abandona sua vida e parte para a natureza selvagem, assim sendo, foi realizada uma análise interpretativa visando entender a sua busca pelo “eu autêntico”.

Inicialmente o presente trabalho faz uma análise descritiva do tema, onde se busca por “descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los.” (VIEIRA, 2002). Assim sendo, são utilizados textos de autores existencialistas, principalmente Jean Paul Sartre e o livro “Na Natureza Selvagem”, para fazer uma análise

interpretativa dos fatos e ações descritos.

Nesse mesmo sentido, também é realizado dentro da pesquisa uma análise qualitativa, buscando um estudo mais aprofundado, de forma subjetiva na avaliação do caso. A análise qualitativa consiste em se debruçar em questões mais relacionadas às ciências sociais e trazendo várias questões do significado e intencionalidade, lidando com a subjetividade e individualidade, considerando fatos que não podem ser mensurados de formas quantitativas. (BARDIN, 1977; RODRIGUES, 2019; RAMOS, 2019).

Na escolha do método, é realizada uma pesquisa de cunho fenomenológico, de modo que se pretende realizar uma análise com o intuito de “mostrar e deixar claro o que é dado” (GIL, 2008). A fenomenologia, no campo da metodologia “não procura explicar mediante as leis, nem deduzir se baseando em morais, mas leva em consideração o que está na mente do indivíduo.” (GIL, 2008). Desta forma, a fenomenologia busca entender as experiências existentes em uma análise mais direta, evitando uma divagação em torno de motivação e explicações dos fatos existentes.

Outra forma de estudo adotada no texto é a análise de discurso, que busca procurar uma “compreensão de como um objeto que possui simbolismo produz sentidos, como ele significa para e por sujeitos” (PAULON, 2014). Assim sendo, na análise de discurso se busca compreender a estrutura textual existente em uma produção e partindo deste princípio, atingir a compreensão de todo o arcabouço ideológico que pode existir dentro desse texto.

Por fim, como esse trabalho tem por objetivo lidar com os fatos ocorridos com Christopher McCandless, pode-se considerar que um dos meios utilizados é a pesquisa bibliográfica, visto que a base de pesquisa é o livro “Na Natureza Selvagem”, bem como outros artigos que possam ser encontrados sobre ele. Quando nos deparamos com uma pesquisa bibliográfica, devemos entender que o seu objetivo é conectar o pesquisador “em contato propriamente dito com tudo o que alguém escreveu, disse ou filmou sobre um assunto em específico, inclusive conferências que dão sequência a discussões que de alguma forma foram transcritas ou publicadas.” (LAKATOS, 2003). Desta forma, pretende-se, através da pesquisa bibliográfica analisar e realizar uma construção estrutural, no aspecto conceitual visando dar robustez e construir uma base sólida para a pesquisa como um todo.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

4.1 UM HOMEM MODERNO CHAMADO CHRISTOPHER MCCLANDLESS

Christopher McCandless era um típico norte-americano de classe média alta, sendo um homem inteligente e cativante, que largou o conforto de sua vida e a uma próspera carreira que o esperava para viver maltrapilho, viajando pelas estradas em busca de um sentido para vida. Quando se entra a fundo na história deste jovem por meio do livro do autor Jon Krakauer, consegue-se entender melhor os motivos que levaram ele a abandonar seu antigo modo de viver para ir ao encontro do real singular que ele tanto almejava.

Christopher era uma pessoa um tanto quando aborrecida com diversos aspectos sociais, entre eles a ganância das pessoas, e porque as pessoas eram tão más uma com as outras. Sendo ele um leitor assíduo de Thoreau, que convenhamos, tem um pensamento que se aproxima do existencialismo em suas obras, era contra o governo e suas regras, assim como a uma vida baseada em adquirir riquezas e bens materiais, enquanto Jack London trazia um viés aventureiro em seus livros e Tolstói com seu ascetismo e grande rigor moral. Diante disso, Christopher adquiriu a certeza de que uma vida baseada neste contexto o levaria a existir de maneira cada vez mais inautêntica.

Christopher é um ótimo exemplo do homem moderno, pois realmente vivemos em um mundo que vangloria o consumo, a individualidade, a competição em busca de seus objetivos, a normatização da grande massa, porém apesar de se viver assim, nem sempre se é realizado por isso. E por vezes a ideia de ir à contramão da maioria ou do que é 'imposto', pode ser muito desgastante ou até intangível, acabando por conter uma vontade do sujeito de utilizar sua liberdade em prol do se deseja.

Na perspectiva de Sartre, esta liberdade nos leva para sentimentos como o medo, a angústia e os conflitos. Sentimentos estes, que geralmente o homem moderno tenta evitar, resultando por vezes, na tendência a regredir para uma vida mais segura e cômoda, desviando de qualquer mal-estar que a liberdade pode proporcionar. Com Christopher foi diferente, ele viveu de maneira inautêntica, por um período de sua vida, até que resolveu partir como relata o livro:

“Ele passara os quatro anos anteriores, tal como via as coisas, preparando-se para cumprir um dever oneroso e absurdo: Graduar-se na faculdade. Finalmente estava desimpedido, emancipado do mundo sufocante de seus pais e pares, um mundo de abstração, segurança e excesso material, um mundo em que ele se sentia dolorosamente isolado da pulsação da existência.” (KRAKAUER,1998, p.34)

4.2 LIBERDADE DO SENSO COMUM X LIBERDADE EXISTENCIAL

Para explorar o conceito de liberdade, é de extrema importância que fique claro o posicionamento de Sartre sobre tal temática. Sartre traz uma visão um tanto diferente do conceito de liberdade do senso comum. Para o senso comum liberdade é realizar os sonhos sem que não haja nada para atrapalhar tais planos, para isso o homem moderno busca viver sob as convenções e políticas em que a liberdade seja autorizada. É viver o que se deseja sem qualquer impedimento ou represália. Foi exatamente isso que Christopher fez quando decidiu partir, resolveu abandonar uma vivência inautêntica e ir em busca da sua própria autenticidade. Para Christopher, o ato de abandonar sua antiga vida e se aventurar nas estradas parecia fácil, pois em sua concepção a partir disso o mundo estava rico de possibilidades, ele resolveu abandonar tudo que o impedia, como fica claro neste trecho que ele escreveu numa folha de compensado que tapava uma janela quebrada do ônibus abandonado que ele utilizou enquanto estava vivendo na natureza selvagem no Alaska:

“Dois anos ele caminha pela terra. Sem telefone, sem piscina, sem animal de estimação, sem cigarros. Liberdade definitiva. Um extremista. Um viajante estético cujo o lar é a estrada. Fugido de Atlanta, não retornará, porque “o Oeste é o melhor”. E agora depois de dois anos errantes chega à última e maior aventura. A batalha final para matar o ser falso interior e concluir vitoriosamente a revolução espiritual. Dez dias e noites de trens de carga e pegando carona trazem-no ao grande e branco Norte. Para não mais ser envenenado pela civilização, ele foge e caminha sozinho sobre a terra para perder-se na natureza.”
Alexander Supertramp - Maio 1992 (KRAKAUER, 1998, p.172)

Na perspectiva existencial de Jean Paul Sartre, esta temática surge de uma maneira diferente, a escolha de Christopher de romper com sua antiga vida ainda se mantém como uma escolha autêntica, mas Sartre traz outra maneira de se pensar sobre o ser livre. Para o autor não existe esta sonhada liberdade, onde nada nos detêm, para ele a liberdade se manifesta através do que se é escolhido. Em meio ao mundo que funcione diferente da maneira que o sujeito deseja ainda sim se pode escolher, mesmo existindo várias coisas que o limitem ainda sim o homem pode fazer sua escolha. Para ele, estamos em constante relação com as pessoas ao nosso redor e com o que há de material, sendo assim não vivemos isolados. E que à partir desse meio e essas contingências, podemos fazer escolhas contra o determinismo dos ideais dos nossos pais, ou da sociedade em que nascemos e crescemos.

Mas será que para ser livre o homem moderno precisa fugir? Ele necessita mudar totalmente sua vida e abandonar sua história ou tudo aquilo que o detêm, como Christopher fez? Sartre diz que mesmo nascendo em um mundo onde já foi construído e objetivado por outras pessoas, o sujeito pode conseguir viver de forma autêntica, obtendo seus valores pessoais, mesmo que sejam distintos dos valores de tal contexto social, e seguir seu caminho. Assim não se torna necessário se livrar de todos os empecilhos que o mundo contemporâneo traz, mas saber seguir sua própria consciência frente a essas contingências.

4.3 LIBERDADE COM RESPONSABILIDADE

Sartre colide mais uma vez com o conceito de liberdade construído no senso comum que se faz individualista na contemporaneidade, quando retrata a liberdade existencial de forma responsável e de certa forma coletiva. Em seu livro "O existencialismo é um humanismo", ele fala que por mais que tenhamos apropriação sobre nossas escolhas, ela reflete no outro, ou seja, mesmo usufruindo da nossa liberdade, saibamos que ela reflete na humanidade como um todo. Isso remete uma conotação de responsabilidade coletiva e Sartre diz que quando fazemos uma escolha é relevante nos questionarmos: E se todos os outros fizessem igual a mim? Afinal, meus atos servirão de exemplo para outrem. Assim sendo, a responsabilidade de escolher o bem, não somente para mim, mas para todos na humanidade reflete em angústia.

“Ao afirmar que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe a todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mau; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.” (SARTRE, 1976, p.5)

No livro fica claro como esta liberdade singular de fato descrita, afeta os outros indivíduos quando se é mostrado como as escolhas de Christopher McCandless impactaram a todos com quem se relacionou, os familiares, os amigos que conheceu nas estradas, e até mesmo as pessoas que não chegou a conhecer. Sua história ficou famosa e inspira pessoas até hoje, mesmo 28 anos após a sua morte. Sua história rendeu um livro, um documentário e até

um filme indicado a 02 Oscars, pessoas do mundo inteiro querem seguir seus passos e os mais extremos ousam refazer sua trajetória no Alaska. Em reportagem disponível na G1, em 21 de Abril de 2020, um brasileiro chamado Gabriel Dias Da Silva foi resgatado após ficar sem comida e não conseguir atravessar o rio pelos mesmos motivos que McCandless. Os guardas da região afirmam fazer muitos resgates no local, admiradores da história do rapaz partem em busca de conhecer tal local tão significativo para seu ídolo. Duas pessoas morreram no local, uma mulher uma sueca morreu em 2010, e outra mulher, desta vez de Belarus morreu no meio de 2019. Em fevereiro de 2020, cinco turistas foram resgatados e um deles perdeu parte dos dedos dos pés por causa do frio.

Entre todos esses casos de pessoas influenciadas por Christopher, um em especial se destaca, não sendo uma pessoa que ficou impressionada com a história do jovem ou que ficou com a uma perspectiva possivelmente romantizada desta trágica história, mas sim alguém que conheceu Christopher e que realmente descobriu quem ele era. Seu nome era Ronald A. Franz, ou carinhosamente chamado pelo jovem de Ron. Um senhor de 80 anos, viúvo, católico assíduo, que perdera a esposa e seu único filho em um acidente automobilístico. Eles ficaram amigos quando McCandless estava passando uma temporada na cidade de Salton City e por acaso conheceu Ron. O idoso ficou tão apegado ao rapaz que antes dele partir o pediu para adotá-lo, pois era filho único e quando morresse a linhagem de sua família iria perecer. Christopher ficou desconcertado com o pedido e combinara com o idoso que conversariam sobre isso quando retornasse de sua aventura do Alaska. Em uma carta escrita por ele, o jovem aconselha Ron sobre seu estilo de vida:

“Ron, eu realmente gostei de toda a ajuda que você me deu e do tempo que passamos juntos. Espero que não fique muito deprimido com a nossa separação. Pode levar um bom tempo até que a gente se veja de novo. Mas desde que eu saia inteiro desse negócio do Alaska você terá notícias minhas no futuro. Gostaria de repetir o conselho que lhe dei antes: Acho que você deveria realmente promover uma mudança radical no seu estilo de vida e começar a fazer corajosamente coisas em que talvez nunca tenha pensado, ou que fosse hesitante demais para tentar. Tanta gente vive em circunstâncias infelizes e, com tudo, não toma a iniciativa de mudar sua situação porque está condicionada a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, tudo isso que parece dar paz de espírito, mas na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem que um futuro seguro. [...] Se você quer mais da sua vida, Ron, deve abandonar sua tendência a segurança monótona e a adotar um estilo de vida confuso que, de início, vai parecer maluco para você. Mas depois que se acostumar a tal vida verá seu sentido pleno e sua beleza incrível. Em resumo, Ron, saia de Salton City e caia na estrada.”
(KRAKAUER, 1998, P.64;68)

Assim como Sartre disse, as escolhas frente às possibilidades da vida de Christopher McCandless influenciaram tanto Ron, que quando soube de sua morte se tornou ateu, mudou

todo seu estilo de vida e seguiu o conselho do jovem, comprou um trailer e caiu na estrada até os últimos dias de sua vida.

5 CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa teve intuito de refletir sobre o homem moderno e sua liberdade em uma perceptiva fenomenológica existencial. De acordo com o que foi avaliado nesta pesquisa, ficou claro que para uma vida autêntica não é preciso romper/abandonar com sua história de vida. Sartre mostra a possibilidade de uma vida autêntica, mesmo frente às facticidades. Os padrões impostos pela sociedade contribuem no modo de ser inautêntico dos indivíduos, afinal, em um mundo que vangloria a normatização da grande massa, a renúncia da responsabilidade de si resulta em uma existência autômata e o ser passa a viver com concepções previamente estabelecidas, sem questioná-las, advindas de forças opressivas da conformidade que tentam encaixar indivíduos em grupos sociais, diluindo sua singularidade e seu livre arbítrio. Por fim, a liberdade é um meio significativo para encontrar um sentido mais verdadeiro para o seu existir, pois através desta o sujeito tem a possibilidade de buscar sua essência, mesmo diante de condições limitantes externas, confirmando assim os pressupostos iniciais.

Desta forma, nos resultados deste artigo é perceptível como a visão de Sartre sobre a possibilidade de ser livre, mesmo frente a limitações externas e usufruindo da liberdade de forma responsável condiz com a realidade do homem moderno. Esta pesquisa se fez pertinente, pois foi possível refletir, sobre como as concepções existenciais trazem uma compreensão de qualidade a cerca do homem moderno e a liberdade, afirmando assim que essa abordagem é realmente significativa na utilização em psicoterapia para promover uma saúde mental de qualidade, um conhecimento real de si, e certeza da possibilidade de autonomia do homem moderno frente às facticidades do mundo contemporâneo. Além de trazer subsidio para futuras pesquisas acadêmicas voltadas para área das ciências humanas, abrindo caminho, por exemplo, para elaboração de pesquisas que buscariam estudar a compreensão do sentido da liberdade para jovens adultos na contemporaneidade, bem como a possibilidade de pesquisas de campo voltadas para estudar como o homem moderno lida com fatores externos limitantes, entre outros. Houve limitações referentes a dificuldade de encontrar artigos sobre a temática, também foram utilizadas obras clássicas e artigos em português. Houve também dificuldade frente às limitações de páginas estipuladas pela

Faculdade Ciências da Vida, trazendo a impossibilidade de uma análise mais profunda a respeito do conteúdo deste artigo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L.; **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

BERVIQUE, J. A.; et al.; **O conceito de liberdade de J.P Sartre na contemporaneidade**. Revista científica de Psicologia. Garça-SP, volume 10, ano IV, maio 2008. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/itIolIjkNOkvKHA_2013-5-10-16-45-53.pdf; Acesso em 10 de outubro de 2019.

FEIJOO, A. M. L. C.; **O Homem em Crise e a Psicoterapia Fenomenológico-Existencial**. São Luis, 2013; Rev. Fenomenologia e Psicologia v. 1, n. 1, Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenolpsicol/article/view/1345>. Acesso em 12 de março de 2020.

GIL, A. C.; **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008

KRAKAUER, J. **Na Natureza Selvagem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.; **Fundamentos de metodologia científica** – 5ª. Ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, A. R.; EWALD, A. P. e CASTRO, F. G. de. **Liberdade, alienação e criação literária: reflexões sobre o homem contemporâneo a partir do existencialismo Sartriano**. *Estud. pesqui. psicol.* [online]. 2012, vol.12, n.3 [citado 2020-05-24], pp. 724-766 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1808-4281. Acesso em 12 de março de 2020.

PAULON, A.; NASCIMENTO, J. V.; LARUCCIA, M. M.; **Análise do Discurso: Fundamentos Teórico-Metodológicos**. Revista Diálogos Interdisciplinares, vol. 3, n°.1, São Paulo, 2014. Acesso em: 06 de nov. de 2019.

RODRIGUES, F. W. A.; RAMOS, A. B. B. **Metodologia Científica: análise e reflexão sobre a percepção dos graduandos**. International Journal education and teaching (PDVL) ISSN 2595-2498, 2019, 2.1: 47-60. Disponível em: <<https://ijet-pdvl.com/index.php/pdvl/article/view/90/109>>. Acesso em: 06 de nov. de 2019.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo; Abril S.A., 1973.

SARTRE, J. P. **O Ser e o nada – ensaio de uma ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 6. ed. Rio de janeiro: Vozes, 1998.

SEM AUTOR: **Brasileiro precisou ser resgatado no local no Alaska onde foi gravado o filme 'Na Natureza Selvagem'**. G1 Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/21/brasileiro-precisou-ser-resgatado-no-local-no-alaska-onde-foi-gravado-o-filme-na-natureza-selvagem.ghtml>. Acesso em 12 de março de 2020.

SILVA, A. M. V. B.; **A concepção de liberdade em Sartre**. Mato Grosso do Sul, 2013.

Disponível em:

<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf> Acesso em 23 de outubro de 2019.

VIEIRA, V. A.; **As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing**. Rev.

FAE, Curitiba, v.5, n.1, p.61-70, jan./abr. 2002. Disponível em:

<https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/download/449/344>. Acesso em: 29 de nov. 2019.